

Concepção, Comentários e Fotografias de **Luiz Eugênio Teixeira Leite**  
Introdução de **Carlos A. C. Lemos**

*The Eclectic Ornamentation on São Paulo's Civil Architecture*

# QUESÃO PAULONÂO VÉ

*A Ornamentação Eклética na Arquitetura Civil Paulistana*

e|e ET ee|e

*arte padilla*

## PREFÁCIO

*José Roberto Teixeira Leite*

Nas últimas décadas do Séc. XIX e pelo Séc. XX adentro, São Paulo foi a meca de uma legião de arquitetos, mestres de obras, escultores e estucadores europeus, italianos principalmente, os quais, atraídos pela riqueza proporcionada pelo café, vieram somar-se ao já considerável contingente de artistas e artesãos locais, para como num passe de mágica transformar o acanhado conglomerado urbano de poucos anos antes numa cidade pujante, onde os edifícios como que brotavam do solo da noite para o dia, até se tornar a megalópole que hoje todos conhecemos. Nas fachadas e em detalhes ornamentais de numerosos edifícios então construídos deixou o engenho, quando não o talento de alguns daqueles artistas e artesãos, documentos preciosos de sensibilidade e invenção, infelizmente desconhecidos dos milhões de paulistanos e turistas que, apressados, atravessam todos os dias as ruas, avenidas e praças da cidade, sem dar-se ao trabalho de olhar para o alto. Porque é lá em cima, a trinta, quarenta e mais metros de altura que se situa esse esplêndido museu de alegorias, figuras extraídas à lenda ou ao mito e formas simbólicas, de autores, também desconhecidos ou esquecidos, que certamente merecem ser lembrados e admirados, uma vez que constituem um capítulo importante da história da arquitetura, da escultura e das artes ornamentais brasileiras.

PÁGINA AO LADO:

*Cachorro de pedra do Palácio das Indústrias fica pequeno ante a imponência do Edifício Altino Arantes, um dos prédios-símbolo de São Paulo*



# A SÃO PAULO QUE EU VI

## *Carlos A. C. Lemos*

Olhando o mapa do Brasil com a sua grandeza continental, verificamos que as cidades do Rio de Janeiro e São Paulo são extremamente próximas, quase que vizinhas e, no entanto, sabemos que sempre foram diferentes em tudo. O caro leitor, que certamente já leu o livro *O RIO QUE O RIO NÃO VÊ*, ao acompanhar este texto, aos poucos ficará entendendo como essas duas localidades, embora sofrendo o mesmo domínio de Portugal, conseguiram lograr com o passar do tempo tão diversas culturas materiais, mormente no que diz respeito às construções. Aquilo que o carioca distraído não vê em sua cidade nada tem a ver com aquilo que o paulista apressado deixa de enxergar na Paulicéia Desvairada de Mário de Andrade.

No Rio, toda a decoração eclética dos edifícios têm origem no Neoclássico trazido pela Missão Francesa e ensinado na Escola de Belas Artes. Seria, digamos assim, uma expressão erudita, tanto na adequação ao local, como na simbologia das figuras, onde todas as alegorias são pertinentes. Em São Paulo, quase toda ornamentação passou diretamente do Maneirismo dos engenheiros militares para o Ecletismo Historicista despolido dos mestres-de-obra italianaos. Assim, o quadro em geral é pobre. Tal contraponto agora registrado faz com que este texto não seja mera continuação daquele outro, porque a São Paulo cosmopolita foi em tudo diversificada do Rio; transformou-se numa cidade “nova rica”, sem memória, assentada sobre um imenso palimpsesto onde, num *continuum*, se renovam as arquiteturas.

Não precisamos lembrar aqui a história do Rio de Janeiro, só precisamos falar de alguns estágios de sua aculturação para que certas comparações possam ilustrar nossa tese da desigualdade artística. O Rio, depois que se transfigurou em Capital do país em detrimento de Salvador, só fez progredir recebendo construções importantes, não só aquelas da administração portuguesa, mas também as particulares, sob a responsabilidade dos mesmos engenheiros militares sempre presentes como Frias de Mesquita, José Fernandes Pinto

Alpoim e José Custódio de Sá e Faria. Até hoje o centro histórico da cidade acolhe 24 igrejas coloniais de pedra e cal ricamente ornamentadas, a grande maioria mandadas fazer por irmandades endinheiradas com o comércio e com a importação e exportação, sobretudo de açúcar, além evidentemente do ouro vindo das Minas Gerais. Em São Paulo, apenas dez, nenhuma rica.

A partir da instalação do Império, em 1822, tomou incremento a edificação civil em geral, principalmente as referentes à Administração e ao Legislativo, além dos sobrados residenciais próprios da cidade expurgada de todo o ranço colonial das rótulas e muxarabis; agora, a vez da cidade envidrada graças ao porto livre. O Neoclássico trazido pela Missão Francesa ratificou algumas das manifestações classicizantes dos engenheiros militares maneiristas e trouxe para valer a decoração externa da arquitetura que o Ecletismo logo após espalhou num festival de alegorias. Tudo dentro das regras da Academia.

Em São Paulo, a história foi bem outra; aqui, desde o seu primeiro dia, em 1554, definiu-se aquilo que chamamos de “condição americana”, isto é, a conjuntura da adaptabilidade ao meio destituído dos recursos e práticas do mundo europeu. São Paulo, no isolamento da serra acima, exatamente por duzentos anos, sem que houvesse uma estrada que a ligasse ao porto de Santos, forjou uma sociedade plena de sincretismos falando um dialeto próprio que chamavam de “língua de caboclo”. O caminho para vencer a Serra do Mar servia apenas aos pedestres e aos cavalos e gado em geral; não passava da vereda rústica dita “do padre Anchieta” melhorada e calçada pelo engenheiro militar João da Costa Ferreira no governo do conde de Sarzedas, Bernardo José de Lorena, daí a identificação “Calçada do Lorena”. Seu desenho, com raios de curvatura e rampas herdados dos índios, não permitia o tráfego de carros. Estrada carroçável somente em 1841, feita pelo brigadeiro Tobias de Aguiar. O caro leitor pode perfeitamente imaginar a feição da cultura

PÁGINA AO LADO:

*O Palácio da Justiça e sua riqueza construtiva:  
columnas em granito vermelho de Itu e capitéis em bronze*

PRAÇA CLOVIS BEVILACQUA, S/N





AVENIDA MERCÚRIO, S/N

ANTIGO PALÁCIO DAS INDÚSTRIAS  
ATUAL CATAVENTO CULTURAL E EDUCACIONAL  
PROJETO DE DOMIZIANO ROSSI, 1910  
CONSTRUÍDO PELO ESCRITÓRIO TÉCNICO RAMOS DE AZEVEDO, 1911-24

À esquerda  
VITRAIS DE CONRAD SORGENICHT FILHO

O Palácio das Indústrias abrigou em 1920 a III Exposição Industrial de São Paulo, mas só foi oficialmente inaugurado no dia 29 de abril de 1924. A construção - inspirada no Castelo Mackenzie, na Itália, projetado em finais do século XIX pelo arquiteto Luigi "Gino" Coppedè -, era a joia arquitetônica da Várzea do Carmo, agora reurbanizada e rebatizada Parque Dom Pedro II.

No segundo pavimento há três grandes vitrais figurativos, dedicados ao Comércio, à Agricultura e à Indústria. Neste último, visto aqui, uma figura feminina porta uma grande engrenagem e tem à mão direita uma marreta. Ao seu lado e rodeados de tornos, roldanas, caldeiras e rodas de automóveis, pequenos "*putti*-operários" se ocupam de tarefas como a marcenaria e a metalurgia. Ela é a Alegoria da Indústria.

Provavelmente inspiradas também na arquitetura de Coppedè, pródiga em apor cabeças de animais em suas fachadas, numerosas esculturas de cães de raças diversas ornam - ou guardam - o complexo nas mais variadas posições - ora em posição de vigília, sobre pedestais, ora suportando colunas, ora aspergindo água.

A Casa Conrado, em seus mais de 100 anos de atividade, produziu mais de 600 vitrais por todo o Brasil.





AVENIDA MERCÚRIO, S/N

ANTIGO PALÁCIO DAS INDÚSTRIAS  
ATUAL CATAVENTO CULTURAL E EDUCACIONAL  
PROJETO DE DOMIZIANO ROSSI, 1910  
CONSTRUÍDO PELO ESCRITÓRIO TÉCNICO RAMOS DE AZEVEDO, 1911-24

BAIXO-RELEVO DE NICOLA ROLLO

Vista no detalhe à esquerda e em sua totalidade nas páginas seguintes, a grande cena imaginada por Rollo no friso principal, imediatamente abaixo do telhado frontal, faz uma elegia à indústria paulista, aqui interpretada como mola propulsora do progresso. São várias as referências à tecnologia industrial, à produção agrícola e ao comércio.

Destacamos, no primeiro grupo, os sete homens que com grande esforço colocam a grande engrenagem - o Progresso? - em movimento ao mesmo tempo em que parecem ser tragados por ela; a alegoria alada da Vitória, tendo nas mãos uma pequenina escultura dela mesma, que os observa; a alegoria feminina que exibe a válvula reguladora de pressão - também conhecida por governador centrífugo -, invento do escocês James Watt que trouxe grande impulso à Revolução Industrial e que acabou por se tornar símbolo de modernidade; a palma trazida nas mãos de uma agricultora; o arado; a fruticultura; a produção de trigo; o homem que exibe dois crânios animais; a caprinocultura; a compra de um novilho.



### PÁTIO DO COLÉGIO, 73

ANTIGA BOLSA DE MERCADORIAS DE SÃO PAULO

ATUAL I TRIBUNAL DE ALÇADA CIVIL DO ESTADO DE SÃO PAULO

PROJETO E CONSTRUÇÃO DO ESCRITÓRIO TÉCNICO RAMOS DE AZEVEDO, SEVERO E VILLARES, 1933

ESCULTURA EM CIMENTO MODELADO

A troca firmada entre Mercúrio e Febo de uma lira construída a partir do casco de uma tartaruga por um novilho fez desses deuses mitológicos romanos - Hermes e Apolo, para os gregos - padroeiros, respectivamente, do Comércio e da Música. Isso explica a presença de Mercúrio tanto nas fachadas do comércio miúdo, popular, como nas grandes instituições, a exemplo desta grande cabeça na fachada da Antiga Bolsa de Valores de São Paulo. Aqui Mercúrio porta um capacete alado ornado com a cabeça de uma serpente, em concepção estética que mantém visível afinidade com os super-heróis art déco das histórias em quadrinhos norte-americanas dos anos 1930. O deus romano, a quem devemos a origem da palavra comércio, foi adotado pelos comerciantes como seu padroeiro, e assim seus atributos se espalharam amplamente pelas cidades ocidentais.

Em São Paulo, além do capacete alado, visto aqui e nas páginas 70 e 150 (Escola de Comércio Álvares Penteado e Prédio Lex, respectivamente), refere-se a Mercúrio o caduceu das páginas 48, 60 e 138 (Associação Comercial de São Paulo e edifícios Matarazzo e Guinle, respectivamente).







*À esquerda e nas páginas seguintes*

RUA RODRIGO SILVA, 85 E 87

CÍRCULO ESOTÉRICO DA COMUNHÃO DO PENSAMENTO E LIVRARIA PENSAMENTO

PROJETO DE GILBERTO GULLO, 1923 C.

INAUGURADO EM JUNHO DE 1925

BAIXO-RELEVO DE RUFFO FANUCCHI, 1925 C.

O prédio carrega lado a lado simbologias tão distantes quanto o ouroboros, a esfinge, a cruz e o hexagrama. Nessa verdadeira comunhão de símbolos, interessam-nos os três baixos-relevos em tríptico do segundo pavimento, aqui reproduzidos nas páginas seguintes, cada um dos quais representando, respectivamente, a Ciência, a Revelação e o Trabalho.

A Ciência traz dois grupos de pessoas, um à frente do outro. O grupo da frente é composto de cinco alegorias: a Astronomia, a Matemática, a Física - que carrega a Eletricidade -, a Química e a Medicina. Atrás de cada uma delas está um representante - possivelmente histórico -, como é o caso do astrônomo que observa os astros com auxílio de uma luneta, os matemáticos que resolvem uma equação na lousa e o grupo de médicos que colocam o paciente na maca. Assinado R. FANUCCHI.

O baixo-relevo central - a Revelação - traz a figura do Cristo observado por seguidores no instante em que cura doentes. Assinado R. FANUCCHI.

O Trabalho está subdividido em dois grupos simbólicos com os quais a cidade de São Paulo está tão identificada: o Trabalho Agrícola e o Trabalho Industrial. No primeiro, a Alegoria da Agricultura, no exato momento de semear, está representada junto ao agricultor, o ancinho, o carro de boi, o arado e o trigo. No segundo grupo - o do Trabalho Industrial -, quatro operários moldam uma peça metálica junto a um alto forno.



PRAÇA DOS CORREIOS, S/N  
EDIFÍCIO DOS CORREIOS E TELÉGRAFOS  
CENTRO CULTURAL CORREIOS SÃO PAULO  
PROJETO DE DOMIZIANO ROSSI E  
FELISBERTO RANZINI, 1919 C.  
CONSTRUÍDO PELO ESCRITÓRIO TÉCNICO  
RAMOS DE AZEVEDO, 1920-22

A segunda alegoria, vista ao lado, é a Alegoria da Comunicação Escrita, uma referência aos Correios. Traz papel e pena nas mãos e prepara-se para redigir uma carta.

Os ornamentos da fachada teriam sido executados por artesãos do Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo.





AVENIDA RIO BRANCO, 1269

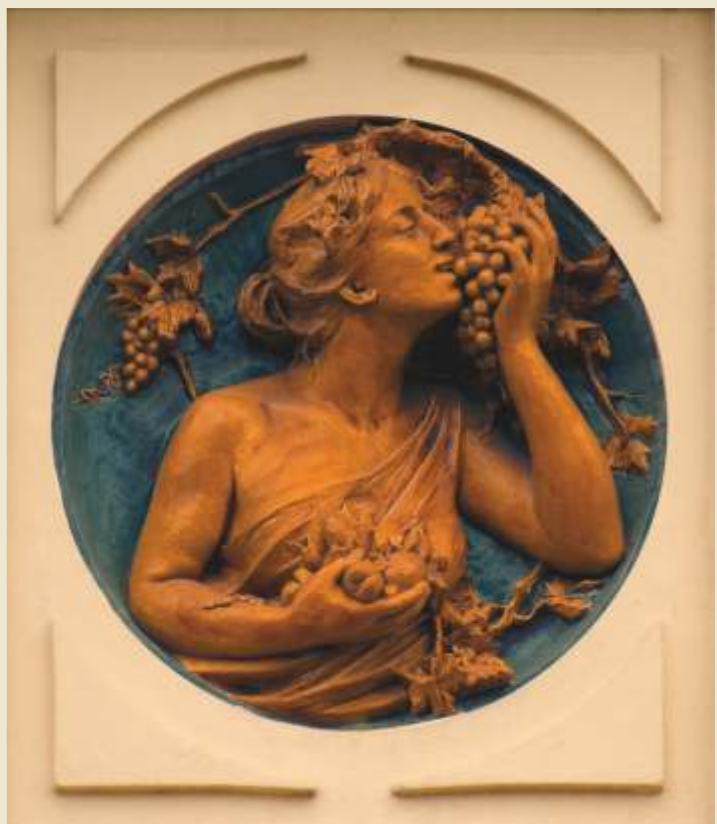
ANTIGA RESIDÊNCIA DE ELIAS ANTONIO PACHECO E CHAVES  
ATUAL SECRETARIA DE ESTADO DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO,  
CIÊNCIA, TECNOLOGIA E INOVAÇÃO  
PROJETO DE MATHEUS HÄUSSLER, 1890

BAIXOS-RELEVOS EM ARGAMASSA  
E. MULLER

Na mesma fachada e igualmente assinados E. MULLER estão quatro baixos-relevos circulares retratando as quatro estações: as flores da Primavera, a colheita do Verão, os frutos do Outono e a provisão para o Inverno.

Será este E. MULLER o mesmo escultor Ernst Muller a que se refere o jornal O Estado de São Paulo em sua edição do dia 20 de junho de 1909, ao escrever que "notáveis dentre todos nos parecem os baixos-relevos, em que o artista consegue um grande destaque para as suas figuras com um relevo insignificante"?

A imagem acima - o compasso e o esquadro entrelaçados - sugere o envolvimento de Pacheco e Chaves com a Maçonaria.





AVENIDA VITAL BRASIL, 1500

ANTIGO INSTITUTO SOROTERÁPICO  
ATUAL INSTITUTO BUTANTAN

Nas páginas anteriores vemos parte da ornamentação simbólica do Pavilhão Lemos Monteiro, construído em 1919 em estilo dito eclético paulista e um dos 47 prédios do atual complexo do Instituto Butantan. Cada porta em arco triplo da entrada recebeu, nas chaves dos arcos, três ornatos de microscópios emoldurados por ramos de café, uma clara alusão à intensa atividade de pesquisa biológica ali desenvolvida. Já o gradil térreo que dá para as fachadas laterais remete à extração do veneno das cobras para a produção do soro antiofídico.

Não se pode falar em soro antiofídico sem falar no cavalo. É este animal que, ao receber o veneno da cobra em seu organismo, produz o anticorpo que vai dar origem ao soro. As janelas da antiga cocheira de imunização, atual Museu Biológico, uma interessante construção *art nouveau* dos anos 1920, estão construídas em forma de ferraduras. Já as duas cabeças de cavalo aqui reproduzidas se encontram na porta de entrada da unidade de Parasitologia e Entomologia.







AVENIDA NAZARÉ, 481

MUSEU DE ZOLOGIA DA USP  
PROJETO DE CHRISTIANO STOCKLER DAS NEVES, 1940  
CONSTRUÍDO POR PEGADO E SOUZA, 1940-1

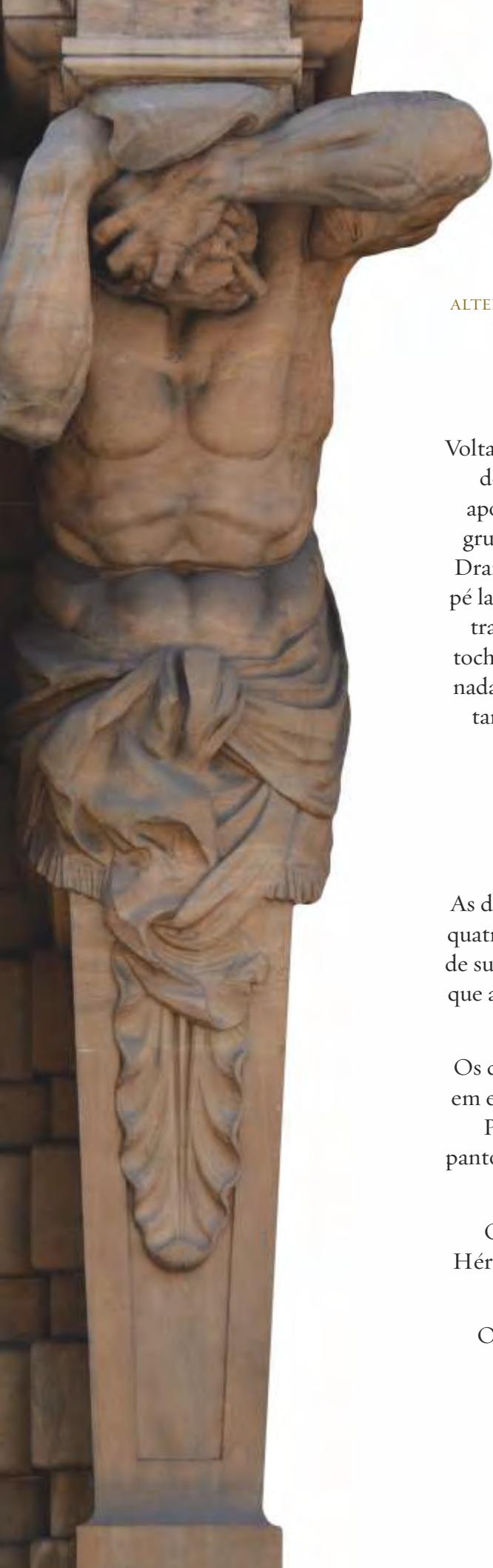
A esquerda  
VITRAL DE CONRADO SORGENICHT FILHO

Nas páginas seguintes  
BAIXOS-RELEVOS EM CERÂMICA POLICROMADA  
ALFREDO GALANTE

O vitral à esquerda representa um ambiente fluvial brasileiro, com destaque para o jacaré-de-papo-amarelo (*Caiman latirostris*), típico representante da fauna nacional, e alguns peixes. Assinado CASA CONRADO S. PAULO no c.i.d.

Na fachada estão 32 baixos-relevos representando 12 espécies da fauna nacional. No interior do museu outras placas, dos mesmos moldes, estão dispostas nas paredes do prédio. A maioria está assinada A. GALANTE.

A águia do coroamento, não reproduzida aqui, foi confeccionada no Liceu de Artes e Ofícios, assim como os curiosos leões-macacos junto a ela.



PRAÇA RAMOS DE AZEVEDO, S/N

TEATRO MUNICIPAL DE SÃO PAULO

PROJETO ORIGINAL DE CLAUDIO ROSSI, 1902 C.

ALTERAÇÕES DE FRANCISCO DE PAULA RAMOS DE AZEVEDO E DOMIZIANO ROSSI

CONSTRUÍDO PELO ESCRITÓRIO TÉCNICO RAMOS DE AZEVEDO, 1903-II

À direita

ESCULTURA EM BRONZE

CASA THIEBAUT FRÈRES, PARIS

Voltada para a Rua Barão de Itapetininga, a fachada principal apresenta dois corpos laterais avançados coroados por frontões em volutas apoiados sobre colunas de sienito polido. Sobre os frontões há dois grupos escultóricos em bronze: a Música – vista na página 229 - e o Drama, visto aqui, à direita, representado por uma figura feminina de pé ladeada por duas outras figuras femininas sentadas. A figura central traz à mão direita a tuba sonora da Fama e ergue com a esquerda a tocha do Conhecimento. Uma das duas figuras sentadas está nua, sem nada a esconder, e fita fixamente um espelho: é a Verdade. A seu lado, também sentada, portando um punhal e prestes a dar vazão a seus impulsos impensados, está a Paixão.

À esquerda

ESCULTURA EM ARENITO ITARARÉ

MODELAGEM DE ULYSSES PELLICCIOTTI E CIA.

As duas entradas acessórias da fachada principal estão guarnevidas por quatro atlantes, simétricos dois a dois. Representado aqui nessa função de sustentação simbólica do conjunto está Atlas, titã da mitologia grega que ao conspirar contra o deus supremo Zeus foi condenado por este a carregar o peso do mundo por toda a eternidade.

Os dois modelos de atlantes vieram pré-moldados da Itália, em gesso, em escala menor, e hoje se encontram na Pinacoteca do Estado de São Paulo. As peças finais foram então moldadas com auxílio de um pantógrafo em arenito Itararé, vindo da Floresta Nacional de Ipanema, no município paulista de Iperó.

O outro atlante pode ser visto na primeira página deste livro. É Hércules, que acaba de matar o Leão de Neméia. A cabeça do felino o semideus faz de capacete e o corpo serve de armadura.

O pintor italiano Carlo de Servi trabalhou na decoração interna.







### RUA FLORÊNCIO DE ABREU, 119 A 123

CASA DA BÓIA

PROJETO DESENVOLVIDO POR MESTRE-DE-OBRAS ITALIANO  
CONSTRUÍDO POR RIZKALLAH JORGE TAHA, 1909

A Casa da Bóia - primeira fundição de cobre do Brasil - é o comércio familiar mais antigo de São Paulo em atividade. Fundada em 1898, a empresa está sediada neste endereço desde 1909. Sua fachada constitui raro exemplo de decoração associada ao uso original do imóvel. O proprietário e construtor, o imigrante sírio Rizkallah Jorge Tahan, mandou decorá-la com símbolos alegóricos tradicionais, como a escultura central da Indústria junto a seus atributos típicos – a bigorna e a engrenagem. Um baixo-relevo, entretanto, é digno de nota pelo seu absoluto ineditismo. Posicionada bem abaixo da varanda do segundo pavimento, uma imensa torneira de bóia ornamental, do tipo que se usa em caixas d'água, alude às atividades comerciais da casa.

É curioso observar que esse objeto não perdeu, ao longo do tempo, sua forma e sua função, sendo amplamente utilizado ainda nos dias de hoje.



ENGLISH  
VERSION

•



Is this E. MULLER the same Ernst Muller referred to in the newspaper O Estado de São Paulo on June 20th, 1909, according to which “notable among all are the bas-reliefs, in which the artist manages to give great highlight to his figures with a mere relief”?

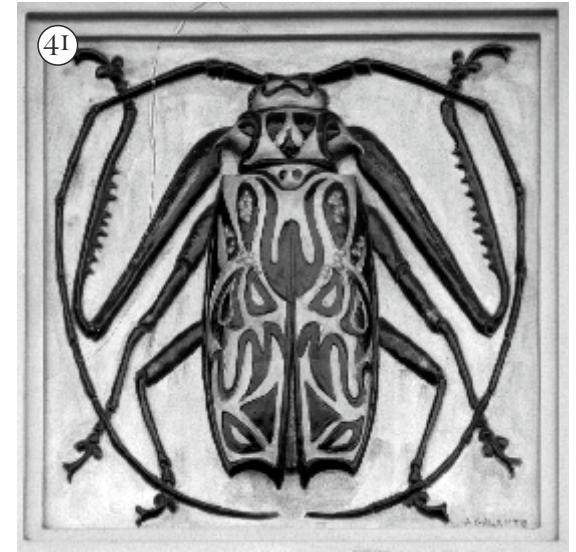
40. AV VITAL BRASIL, 1500 Pages 122-127  
Former Instituto Soroterápico de São Paulo  
[Serotherapy Institute of São Paulo]  
Current Instituto Butantan

On the façade of the former main building and current Library, designed in 1911 by Mauro Alvaro de Souza Camargo in floral style, there is a small frieze above the door featuring a venomous snake – a pit viper – being swallowed alive by another, non-venomous snake, which from then on became the symbol of the Instituto Butantan: the mussurana (Clelia clelia) (p. 122).

In use in Brazil from 1990 until 1993, the 10,000 cruzeiros banknote, in tribute to the scientist Vital Brazil Mineiro da Campanha, features the image of a mussurana swallowing a pit viper, exactly the way it is seen on the façade of the Instituto Butantan.

Page 123 shows the serpent now crowning the building of the old stable of immunization, current Biology Museum.

Pages 124 and 125 contain pictures of the symbolic ornaments of the Lemos Monteiro Pavilion, built in 1919 in



the São Paulo eclectic style and one of the 47 buildings of the current Instituto Butantan compound. Each triple-arched door received, on its keystone, three ornaments in the shape of microscopes framed by coffee branches, in clear allusion to the intense biological research conducted in the institute. The ground level fence, in turn, leading to the side walls, refers to the extraction of snake venom for the production of antivenom.

One cannot talk about snake antivenom without mentioning horses. When they receive snake venom, they produce the antibodies that originate the serum. The windows of the former stable of immunization, current Biology Museum, an interesting 1920 *art nouveau* building, were built in the shape of horseshoes (p. 127). The two horse heads pictured on page 126 can be seen at the entrance of the Parasitology and Entomology Unit.

41. AV NAZARÉ, 481 Pages 128-132  
Museu de Zoologia da USP [USP Zoology Museum]  
Designed by Christiano Stockler das Neves, 1940  
Built by Pegado e Souza, 1940-41

Stained-glass window by Conrado Sorgenicht Filho  
Page 128

This stained-glass window represents a Brazilian fluvial environment featuring a broad-snouted caiman (*Caiman latirostris*), a typical representative of the Brazilian fauna, and some fishes. Signed CASA CONRADO S. PAULO at the bottom right corner.